

MEMÓRIAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE LETRAS

Quantos mundos cabem na língua portuguesa?

ANTÓNIO SAMPAIO DA NÓVOA



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2024

Título: Quantos mundos cabem na língua portuguesa?

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Data de edição: 2024

DOI: <https://doi.org/10.58164/sqrm-bx45>

Quantos mundos cabem na língua portuguesa?

ANTÓNIO SAMPAIO DA NÓVOA

DIA MUNDIAL DA LÍNGUA PORTUGUESA

É uma bela iniciativa, que nos junta numa língua comum, porque diversa, numa língua una, porque plural.

“Gosto de ouvir o português do Brasil
Onde as palavras recuperam sua substância total
Concretas como fruto nítidas como pássaros
Gosto de ouvir a palavra com suas sílabas todas
Sem perder sequer um quinto de vogal”.

(Sophia de Mello Breyner)

Serei breve. Não sou, nem pretendo ser, especialista da língua portuguesa. Sei que este convite se prende com as circunstâncias da vida — a minha circunstância de Embaixador na UNESCO e de aí ter ajudado a construir o Dia Mundial da Língua Portuguesa. Precisávamos deste dia, no mundo.

Perguntar *Quantos mundos cabem na língua portuguesa?* é recordar Vasco Graça Moura: “a salvação do homem, hoje, está na construção da mais alta torre a partir da diversidade inumerável das línguas e das obras de Babel...”.

Da diversidade das línguas, e também da diversidade da nossa língua, na qual vários mundos foram ganhando espaço e corpo, múltiplas formas e feições.

“A pluralizada língua portuguesa tem o seu lugar entre as mais faladas no Mundo”, mas não basta, diz-nos Eduardo Lourenço, “para que retiremos dessa constatação empírica um contentamento, no fundo, sem substância”.

“Se contentamento é permitido, só pode ser o que resulta de imaginar que esse amplo manto de uma língua comum, referente de culturas afins ou diversas, é, apesar ou por causa da sua variedade, aquele espaço ideal onde todos quantos os acasos da História aproximou, se comunicam e se reconhecem na sua particularidade partilhada”.

Eis o sentido do que tenho para vos dizer.

Precisamos de proteger a nossa língua plural e partilhada, porque, como diz o centenário José Saramago, “uma língua que não se defende, morre”. Um centenário que também celebram Agostinho Neto, e Agustina Bessa-Luís, e Darcy Ribeiro, e Dias Gomes, e José Craveirinha... e tantos outros que deram novos mundos ao mundo da língua portuguesa.

MAS COMO É QUE SE DEFENDE UMA LÍNGUA?

Desde logo, *pela educação*, pelo seu ensino no mundo, nas comunidades de língua portuguesa e nas outras. Podemos ser atraídos pelo desconhecido, mas só podemos gostar daquilo que conhecemos. Nada substitui o esforço do conhecimento. O ensino deve alargar as bibliotecas, as que já estão nas estantes e as que ainda falta escrever. Não podemos é resignar-nos a essa Biblioteca descrita por Borges, na qual “os jovens se ajoelham diante dos livros e beijam selvaticamente as páginas, mas não sabem decifrar uma só letra”.

Uma língua defende-se também *pela cultura*. Quando leio as memórias de Darcy Ribeiro, tenho a estranha sensação de que está a falar de mim e não dele. “Vivi minha vida mais lendo, escrevendo, do que vivendo. Gastei mais com livro do que com qualquer outra coisa. (...) Passei minha vida toda lendo e escrevendo. Um horror. (...) Nisso é que verdadeiramente vivo, apenas saindo em fugas para atender a urgências fisiológicas ou mercar palavras com outras pessoas”. É esta, também, a minha realidade mais real. O que seria de nós sem os criadores, sem os escritores, sem os tradutores, sem os editores? O que seria de nós sem livros? A humanidade pode estar perdida, e talvez esteja, mas o mundo só acaba quando morrer o último livro. Por favor, guardem-me as obras de Dostoiévski e de Tolstói.

Hoje, uma língua tem de ser, também, *língua de conhecimento e de ciência*. Porque alguns dos nossos combates maiores são contra o obscurantismo e o negacionismo. Num texto belíssimo, Lídia Jorge diz que “as palavras do ser, do desejar e do apetecer” estão na nossa língua de forma rica e variada. Porém, “onde ela falha e falta, onde ela não chega, é no campo das coisas contemporâneas do progresso, do bem-estar, das rodas e das máquinas, das recentes engrenagens invisíveis, que podem mais que todas as rodas e todas as máquinas”. A metáfora é certa. A língua portuguesa não pode falhar nem faltar à ciência. Assinalemos, por isso, o centenário da *Travessia aérea do Atlântico Sul*, por Gago Coutinho e

Sacadura Cabral, que foi sobretudo um feito de ciência. E façamos desta memória a ambição de uma nova projecção da língua portuguesa no mundo científico, através de uma ciência aberta, partilhada, cidadã, de uma ciência feita em conjunto pelos pesquisadores de língua portuguesa, de uma ciência comprometida com os nossos futuros comuns.

A educação, a cultura, a ciência... e, claro, *a comunicação*, uma língua que usa todos os meios, reais e virtuais, tangíveis e intangíveis. O que temos nós, países de língua portuguesa, para partilhar com os outros? O que temos nós para dizer ao mundo? Em África. Na América do Sul. Na Ásia. Na Europa. O que podemos nós fazer pelo mundo? Pensávamos que a pandemia nos tornaria mais humanos. Rapidamente, nos desenganámos. E nós? Será que a diversidade da nossa localização no mundo, a nossa história e a nossa língua não nos permitem mais? Mais pela diplomacia, mais pelo entendimento, mais por uma humanidade comum? Será que percebemos bem o alcance do que nos quis dizer Lygia Fagundes Telles, há um mês desaparecida, mas sempre connosco: “Eu acho que o poder desfibra, eu acho que o poder me embriaga, e eu não quero estar embriagada, quero estar lúcida. Então, a minha relação com o poder é apenas com o poder da palavra, porque é o único poder que eu exerço”.

Depois da educação, e dos três C’s — de cultura, de ciência e de comunicação — deixem-me terminar com o C de cidadania. Nos 200 anos da independência do Brasil.

É tempo de avançarmos, decididamente, para uma cidadania no seio da comunidade dos países de língua portuguesa., uma cidadania assente numa língua partilhada e nos valores e princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

José Saramago recordou esta Declaração no dia em que se celebravam 50 anos da sua assinatura, 10 de Dezembro de 1998, o dia em que recebeu o Prémio Nobel em Estocolmo:

“Não é de esperar que os governos façam nos próximos cinquenta anos o que não fizeram nestes que comemoramos. Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra e a iniciativa. Com a mesma veemência e a mesma força com que reivindicarmos os nossos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa começar a tornar-se um pouco melhor”.

Reivindicuemos, então, uma cidadania que nos obriga ao cumprimento exemplar dos direitos humanos e dos deveres de “um humanismo mais do que humano”, em paz com os Outros, mas também em paz com a Terra.

Só vale a pena a cidadania de uma “liberdade livre”, tudo o resto é pouco, e de pouco nos serve. Também eu “escuto na palavra a festa do silêncio” (António Ramos Rosa).

Os povos inventam as línguas, mas também são inventados por elas. “Eu não tenho poder político, não tenho poder económico, mas tenho uma língua afiada que só a peste. E essa está ao serviço do meu país e do meu povo”. E da humanidade, acrescento eu, com sua permissão, amigo Ariano, Ariano Suassuna.

Muitos de nós, somos cidadãos de várias línguas, mas isso não diminui a nossa pertença e responsabilidade perante a língua portuguesa, essa “Pátria coincidente” de que nos fala Rui Knopfli: “legado de palavras, pátria é só a língua em que me digo”. É só a língua em que nos dizemos.

E nesta “pátria” nos entendemos, mesmo quando não sabemos que nos estamos a entender.

Em 1997 ou 1998, em viagem pelo interior de São Paulo, perto de Araraquara, parei num pequeno estabelecimento e pedi um café. Do outro lado do balcão, uma senhora já de certa idade ficou espedada a olhar para mim. Sem pestanejar. Repeti o pedido lentamente: “Por favor, um café”. Nada. Nenhuma reacção. Repeti o pedido pela terceira vez. Nada. Desisti. Virei as costas e encaminhei-me para a saída, quando de repente ouvi um grito: “Pára, moço. Eu não sei o que está acontecendo aqui. Eu não sei falar nenhuma língua estrangeira, mas entendo o que você me está pedindo”.

E assim nos entendemos. E eu tomei o meu café, *coado*. Graças à língua portuguesa. Celebremos este dia, juntos, com a consciência de que o nosso futuro comum, de que a nossa cidadania comum, depende, e muito, da língua portuguesa. Nela, cabem todos os mundos que formos capazes de imaginar com os sons e os silêncios que nos fazem humanos, com as letras e as ciências da liberdade.

Liberdade que é educação, cultura, ciência, comunicação, cidadania. Defender a língua portuguesa é proteger as letras e as ciências com que se escreve a palavra *liberdade*.

COMUNICAÇÃO APRESENTADA ÀS CLASSES DE CIÊNCIAS E LETRAS
NA SESSÃO DE 5 DE MAIO DE 2022

COMUNICAÇÃO RECEBIDA A 23 DE MAIO DE 2023

* A presente comunicação não segue a grafia do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.